



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

JUCELAINE RAMOS MACHADO

**A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA ABORDAGEM
PSICANALÍTICA**

ARIQUEMES – RO

2013

JUCELAINE RAMOS MACHADO

**A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA ABORDAGEM
PSICANALÍTICA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do Grau de Licenciado e Bacharel em: Psicologia.

Orientador: Profº. MS: Roberson G Casarin.

ARIQUEMES – RO

2013

JUCELAINE RAMOS MACHADO

**A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA ABORDAGEM
PSICANALÍTICA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do Grau de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador (a): Prof^o MS: Roberson G. Casarin
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof^a. MS: Ana Claudia Yamashiro Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof^a. MS: Luciane Andrade de Melo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, ___ de _____ de 2013.

À minha família, especialmente meus pais, Tamarindo Ramos Machado e Maria Auciliadora Futia Machado que sempre me deram força, coragem e constante apoio para seguir em busca de meus ideais.

AGRADECIMENTOS

Em Especial ao meu bom Deus, que dentro da sua perfeição preparou todo o caminho para a conclusão desse curso.

Aos meus professores e orientador pela dedicação, apoio e confiança.

Aos meus amigos pela colaboração e apoio no desenvolvimento deste trabalho.

À minha terapeuta Dra. Luciane de Andrade Melo pela disponibilidade de estar presente sempre que percebeu a necessidade de esclarecimento das minhas dúvidas em relação ao tema.

À minha co-orientadora Josineide Ribeiro pela paciência e preocupação com o desenvolvimento deste trabalho.

E ainda em especial ao meu ordenador Roberson G. Casarin pela motivação e compreensão.

À todos meus sinceros agradecimentos.

Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta.

Carl Jung

RESUMO

A psicanálise vem se desenvolvendo e se aperfeiçoando através dos anos. Após o desenvolvimento da psicanálise infantil descobriu-se que a parte mais relevante do desenvolvimento do indivíduo é a infância, onde é formada sua consciência emocional, estruturando sua personalidade baseada em vivências e experiências adquiridas desde sua concepção. O presente trabalho tem como objetivo Identificar qual a importância do lúdico na abordagem psicanalítica assim como a importância do brincar para o desenvolvimento físico e mental da criança numa mistura consciente de realidade e imaginação dentro do processo terapêutico. Para atingir tais objetivos foi adotada como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, através do método qualitativo, buscou-se a leitura de autores pertinentes à temática. Procurou-se pontuar importantes argumentos sobre o brincar durante a análise da criança. Observaram-se as várias etapas do desenvolvimento da psicanálise de criança e sob a perspectiva dos autores estudados encontrou-se indicadores da contribuição do lúdico dentro da psicanálise infantil.

Palavras-chave: Lúdico, Psicanálise Infantil, brincar.

ABSTRACT

Psychoanalysis has been developing and perfecting over the years. After the development of child psychoanalysis. The most relevant part of the development of the individual is its childhood, in which is formed their emotional awareness, structuring your personality based in livings and experience acquired since its conception. This paper aims to identify what's the importance of playfulness in the psychoanalytic approach and the importance of play for physical and mental development of the child in a conscious mixture of reality and imagination within the therapeutic process. To achieve these objectives it was adopted as a methodological approach to bibliographic research through qualitative method aimed to reading authors relevant to the topic. We Dimed score important points about the play during the analysis of the child. In it there were the various stages of the development of psychoanalysis and child from the perspective of the authors studied met indicators of the contribution of the playful child within psychoanalysis.

Keywords: Playful, Child Psychoanalysis, play.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS:	10
2.1. OBJETIVO GERAL	10
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3. METODOLOGIA	11
4. REVISÃO DE LITERATURA	12
4.1. O INICIO DA PSICANÁLISE	12
4.2. A PSICANÁLISE INFANTIL.....	13
4.3. O SURGIMENTO DO LÚDICO DENTRO DA PSICANÁLISE	15
4.4. O BRINCAR COMO FERRAMENTA LUDODIAGNÓSTICA	16
4.5. O PROCESSO PSICANALÍTICO COM A UTILIZAÇÃO DO LÚDICO	19
4.6. INDICADORES DO LÚDICO NO PROCESSO PSICANALÍTICO.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
6. REFERÊNCIAS	26
5.1. Obras citadas:	26
5.2. Obras consultadas	27

1. INTRODUÇÃO

A parte mais relevante do desenvolvimento do indivíduo é a infância, onde é formada sua consciência emocional, estruturando sua personalidade baseada em vivências e experiências adquiridas desde sua concepção. Alguns transtornos como déficit de atenção, ansiedade, hiperatividade e outros, também podem ser adquiridos nessa fase, debilitando seu processo de desenvolvimento e deixando marcas que se não tratadas poderão desenvolver problemas maiores no futuro.

Revendo a literatura percebe-se que o brincar é o valor principal da formação da criança como indivíduo, e não do brinquedo como objeto, que possibilita a criatividade e a linguagem simbólica advindos da infância, bem como contribuir na compreensão abstrata do adulto que existe nas crianças.

O potencial criativo do brincar está na formação da criança como uma válvula de escape de toda e qualquer determinação, o que confere liberdade à criança para ser o que quiser, fazer o que quiser e dizer o que quiser, dentro de uma realidade externa, que prescinde de regras que limitem sua imaginação e exposição de seu subconsciente.

É através da percepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver à vida. Muitos indivíduos experimentam suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina (Winnicott, 1971g, p. 95).

Neste sentido o potencial criativo se apresenta como um termostato para medir a interação do ser humano com o ambiente em que ele está inserido, dando-lhe a oportunidade de criar situações e amenizar conflitos internos.

2. OBJETIVOS:

2.1. OBJETIVO GERAL

Identificar qual a importância do lúdico na abordagem psicanalítica.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar as contribuições da psicologia para o tratamento ludodiagnóstico;
- Apresentar a perspectiva dos diversos autores que desenvolveram a psicanálise da criança e o processo ludodiagnóstico;
- Identificar indicadores que comprovem resultados positivos quanto à utilização do lúdico na psicanálise.

3. METODOLOGIA

Para atingir tais objetivos foi adotada como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, através do método qualitativo, buscou-se a leitura de autores pertinentes à temática. Procurou-se pontuar importantes argumentos sobre o brincar durante a análise da criança. Nele observaram-se as várias etapas do desenvolvimento da psicanálise de criança e sob a perspectiva dos autores estudados.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1. O INÍCIO DA PSICANÁLISE

Mencionar a história da psicanálise sem citar o nome de Sigmund Freud se torna impossível, pois ele foi o precursor da psicanálise. Freud foi um médico neurologista, e teve sua carreira muito influenciada por Charcot e Breuer.

Aos 17 anos quando Freud entrou na faculdade de medicina a fisiologia chamou sua atenção e Breuer foi peça fundamental no começo de sua carreira. A disciplina de Breuer e a força que este deu a Freud com um trabalho em seu laboratório transformou-o em um profissional extremamente disciplinado e ético. Os registros com as pesquisas de Freud mostram claramente todos os fatos citados acima, o gosto pela ciência era forte na vida deste autor, porém, sua teoria ainda era vaga.

Freud trabalhou no laboratório por muito tempo e adquiriu um gosto imenso pelo seu trabalho o que fez com que ele pegasse uma aversão pelo trabalho como médico, mesmo assim, por ter uma situação financeira ruim, foi trabalhar no hospital de Viena.

Em seu trabalho no hospital constatou um grande número de pacientes que reclamavam estar sentindo coisas que a medicina não conseguia explicar, e esses sintomas quase sempre eram diagnosticados como sendo histeria (caso de neurose com excesso espetaculoso nas demonstrações emocionais e mudança do psíquico para o físico).

A histeria é uma psicose cujos conflitos emocionais inconscientes surgem na forma de uma severa dissociação mental ou como sintomas físicos (conversão), independentemente de qualquer patologia orgânica ou estrutural conhecida, quando a ansiedade subjacente é 'convertida' num sintoma físico. (ROWELL 1998)

Inconformado com esta situação, Freud resolve analisar esses pacientes e constatar se tais sintomas eram mesmo verdadeiros ou só ilusórios.

Em suas pesquisas, Freud analisou o caso de uma paciente que se queixava de cegueira e da falta de movimentos na perna, ele introduziu uma agulha grossa na perna da paciente provando que a mesma não se alterou no momento que viu a agulha e nem se desvencilhou quando a agulha foi inserida em seu

membro. Esse fato fez com que ele comprovasse as suspeitas de que esses sintomas não eram falsos e que eram provenientes de causas psíquicas.

Charcot um ilustre psiquiatra que já trabalhava com casos de histeria foi quem permitiu as pesquisas de Freud dando-lhe uma bolsa de estudos e dessa forma ele pôde desenvolver a teoria da psicanálise e deixar seus escritos para que outros renomados autores aperfeiçoassem o processo psicanalítico.

Nos primórdios da psicanálise existiram três fases que foram fundamentais para o seu desenvolvimento, são elas a hipnose, a catarse e a associação livre.

A primeira tentativa de entender as causas dos sintomas foi com o processo hipnótico. Charcot utilizou a hipnose em pacientes, para que estas pudessem contar fatos das suas vidas do qual poderiam ter causado algum trauma que fez surgirem os sintomas sem explicação da medicina, quando as pacientes apresentavam sintomas misteriosos para a ciência, após encontrar o ponto traumático da paciente seu problema era sanado e a paciente ficava recuperada.

A segunda fase foi a catarse (usada por Breuer), durante essa fase as pacientes eram tratadas através de perguntas afim de que a paciente revivesse o momento traumático fazendo com que o mesmo não tivesse mais tanta importância.

A última fase deu-se através da associação livre, onde as pacientes falavam livremente de todos os acontecimentos de sua vida e o terapeuta deveria analisar através de um processo lógico o que levou a paciente a desenvolver o trauma.

Desta forma Freud, ainda que tendo recebido a influência de alguns outros médicos renomados, se manteve firme a sua escuta clínica e aos seus conceitos. Assim, criou a psicanálise como uma teoria inteiramente nova, o que confrontou com todas as outras idéias da época.

4.2. A PSICANÁLISE INFANTIL

A psicanálise infantil em seus primórdios era feita de forma superficial utilizando as técnicas de psicanálise adulta de Freud, que em seus estudos e teorias era voltada à sexualidade como ponto principal da teoria psicanalítica, porém, para que se comprovassem alguns aspectos, Freud busca colocar em prática suas teorias. Nesse período, surge o caso do pequeno Hans.

Freud faz no caso do pequeno Hans uma união entre médico, pai e paciente analisando os relatórios feitos pelo pai do garoto e aplicando a transferência com a ajuda de sua autonomia.

O caso do pequeno Hans também permitiu pensar o valor terapêutico da interpretação e suas conseqüências no trabalho analítico, desde que Freud incluiu a transferência como instrumento técnico no trabalho de análise. A transferência possibilita ao paciente reviver suas primeiras relações com o terapeuta, que lhe comunica aquilo que descobre a fim de tornar o inconsciente – consciente.

A transferência é um fenômeno que ocorre na relação paciente/terapeuta, onde o desejo do paciente irá se apresentar atualizado, com uma repetição dos modelos infantis, as figuras parentais e seus substitutos serão transpostas para o analista, e assim sentimentos, desejos, impressões dos primeiros vínculos afetivos serão vivenciados e sentidos na atualidade. (MOURA, 2009)

Mesmo Freud trabalhando com o pequeno Hans e percebendo a necessidade de mudanças e adaptações para o desenvolvimento da psicanálise infantil ele não chega a trabalhar diretamente com ela. Este se dá alguns anos depois através de Hermine Von Hug-Hellmuth que foi reconhecida em 1993 por Claude Boukobza como a primeira psicanalista de crianças, mesmo antes de Melanie Klein e Ana Freud.

A partir de 1915, seis anos antes de A. Freud e M. Klein, Hellmuth aplica as teorias de Freud no atendimento às crianças e adolescentes e se responsabiliza por uma coluna permanente na revista *Imago*, intitulada "Da verdadeira essência da alma infantil".

Após várias importantes obras como: *Da técnica da análise da criança*, sua principal obra, apresentada no Congresso de Haia em 1923, onde apresenta questões de suma importância para o tema, Hellmuth deixa em seus textos a preocupação com a forma em que eram interpretadas as sessões de psicanálise da criança, mostrando a importância de evitar ultrapassar os limites de interferência nas ações da criança durante a sessão e avalia a transferência como tendo dois lados, um positivo e outro negativo, além da necessidade de administrar o trabalho clínico.

Von Hug-Hellmuth reconhece a importância da comunicação da criança na primeira sessão, considerando que esta comunicação contém o complexo nuclear da neurose infantil. Valoriza a utilização do brincar e da ação simbólica como forma de permitir o desvelamento dos sintomas e da problemática da criança. (MELO, SILVA, 2012)

Apesar da importância de Freud e posteriormente Hermine para o início da psicanálise infantil, estudos apontam Melanie Klein e Ana Freud (mãe da psicanálise) como principais colaboradoras do desenvolvimento das técnicas de análise de crianças. Embora suas obras se contraponham Melanie Klein e Ana Freud, deram sua contribuição com obras importantes ao desenvolvimento e esclarecimento da psicanálise infantil.

Com o surgimento da psicanálise infantil o lúdico surge como ferramenta necessária ao diagnóstico da criança. Segundo Affonso (2012), Freud ao analisar adultos percebe que a maioria das lembranças dos adultos quase sempre estava associada aos conflitos vivenciados na infância.

Affonso (2012) mostra que neste momento surge a primeira ideia de psicologia infantil como o caso do pequeno Hans (1909). Em 1914 Freud volta a ter interesse na psicologia infantil e como forma de comprovar suas teorias dá-se várias tentativas de criar e aplicar análise em crianças de forma mais terapêutica.

Assim, Freud sobressai como Pai da psicologia infantil tendo seguidores e fundamentadores como Klein, Ana Freud, Aberastuy, Winnicott e outros. Porém, Melanie Klein e Ana Freud se destacam como iniciantes dos trabalhos psicanalíticos com crianças.

4.3. O SURGIMENTO DO LÚDICO DENTRO DA PSICANÁLISE

A palavra Ludus, veio do latim e nos leva ao sentido de brincadeira ou jogos. HUIZINGA (1980) diz que: “brincar transcende o plano material e ultrapassa o limite da realidade com a imaginação”.

O lúdico dentro da psicologia não se refere apenas a jogo no sentido lato da palavra, como jogar, brincar ou reproduzir movimentos espontâneos, lúdico na psicanálise vem como parte essencial do comportamento humano. Para a criança a necessidade de brincar é tão importante quanto à necessidade de alimentar-se e proporciona tanto prazer quanto auto-realização.

Entende-se por lúdico dentro da psicanálise como uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente. Foi essa necessidade de entender através

dos movimentos do corpo a mente e a formação da personalidade infantil que Melanie Klein percebeu a importância do brincar como ferramenta Ludodiagnóstica.

Durante suas análises, Melanie Klein percebeu a dificuldade de obter resposta da criança através da fala, devido as crianças pequenas não terem a consciência de expressão necessária para se comunicar através de associação livre.

Deu-se aí a continuação dos estudos de Hermine Von Hug-Hellmuth dentro da necessidade de mudança das técnicas utilizadas na psicanálise infantil.

A partir deste momento, Klein passa a introduzir brinquedos em suas análises. No seu entendimento o lúdico deve ser considerado como um todo, pois, cada expressão, gesto ou reação da criança podem ter significados diferentes quando vistos de forma isolada, enquanto a análise em conjunto das situações que a criança cria durante a sessão pode mostrar um resultado mais preciso e até mesmo desigual.

A criança expressa suas fantasias, seus desejos e experiências reais numa forma simbólica através do brincar e dos jogos. Ao assim fazê-lo, usa os mesmos modos de expressão arcaicos e filogeneticamente adquiridos, a mesma linguagem com que temos familiaridade através dos sonhos, por assim dizer; e só podemos entender completamente essa linguagem se nos aproximamos dela como Freud nos ensinou na abordagem da linguagem dos sonhos. O simbolismo é apenas uma parte dela. Se desejarmos entender o brinquedo da criança corretamente em relação à totalidade de seu comportamento durante a sessão analítica, não devemos nos contentar pinçando separadamente o significado dos símbolos no brincar, por mais impressionantes que sejam - e geralmente o são -, mas devemos fazê-lo considerando todos os mecanismos e métodos de representação empregados no trabalho onírico, nunca perdendo de vista a relação de cada fator com a situação como um todo.

Assim nasce o lúdico dentro da psicanálise, segundo AFFONSO (2012) como uma técnica expressiva projetiva que favorece a expressão sendo as variáveis de personalidade do sujeito, permitindo a compreensão dos referenciais por este utilizado.

4.4. O BRINCAR COMO FERRAMENTA LUDODIAGNÓSTICA

A fim de se expor o tema fez-se necessário entender os vários sentidos e conceitos utilizados hoje para a palavra. No dicionário “brincar” possui vários significados.

O dicionário Houaiss da língua Portuguesa (2001) conceitua brincar como um verbo transitivo indireto e intransitivo e traz 13 definições para o termo, dentre os quais ressalto “distrair-se com jogos infantis, representando papéis fictícios, entreter-se com um objeto ou uma atividade qualquer; agitar-se, menear, tamborilar, mexer em algo distraidamente, por compulsão ou para passar o tempo, não falar a sério, gracejar, fazer zombaria; debochar, não demonstrar interesse; não dar importância; não levar (algo) a sério, agir de modo exibido ou intrometido, agir com leviandade ou imprudência, tirar gozo, distração ou proveito; desfrutar”. Traz também algumas derivações de sentido figurado como “fazer algo sem notar, sem fazer esforço, lidar de maneira inconsequente com coisas sérias ou perigosas, fazer algo com facilidade, sem esforço, ser ágil e esperto na tomada de providências, na resolução de questões, em executar um trabalho (como em ‘fazer algo brincando’)” e apresenta como sinônimos “divertir-se, distrair-se, entreter-se, folgar, gracejar, zombar”.

As definições citadas acima demonstram características de nugacidade, não sérias utilizadas em muitos casos como termo pejorativo, como se o termo brincar se referisse a algo sem importância, algo desnecessário, que se pratica apenas por distração.

Dentro da psicanálise o termo brincar tem outro sentido, nos levando a compreender sua importância como um momento de distanciamento da realidade para expor nos jogos e brinquedos a própria realidade vivida.

O brincar como ferramenta ludodiagnóstica é tão importante quanto qualquer outra ferramenta dentro da psicanálise e é necessário que se possa entender como ele surge durante as várias fases de desenvolvimento da criança a fim de não criar diagnósticos precipitados do estado real da criança.

Brincando, a criança desenvolve potencialidades diversas como: conceituar, criar, deduzir, estimular e desenvolver a capacidade de concentração, favorece o equilíbrio físico e emocional, dá oportunidade de expressão, desenvolve a criatividade, a inteligência e a sociabilidade, enriquece o número de experiências e de descobertas, melhora o relacionamento com a família, entre muitas outras coisas, sua sociabilidade se desenvolve.

Estudos apontam que desde sua concepção a criança já brinca, colocando o dedo na boca ou fazendo movimento com as mãos. Neste momento a criança ainda

não tem a capacidade de representar nenhuma ação efetiva que de sentido a sua brincadeira.

É somente em convívio com a mãe que o bebê pode adquirir a capacidade real de brincar. A mãe proporciona essa capacidade à criança por brincadeiras demonstradas através de sons, balbucios e verbalizações de forma que a criança desenvolva seu eu. Nesta visão percebe-se que o brincar é próprio do ser humano.

Winnicott (1975) diz que o bebê ainda em sua gestação já nasce historicamente e psicologicamente, em um contexto familiar e na sociedade onde se encontra inserido, isto é, o bebê já nasce com questões do ambiente em que vive, Isso faz com que o bebê se sinta angustiado e necessite de um ambiente propício a fim de ajudá-lo a superar esta fase.

A criança traz para dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal. Sem alucinar, a criança põe para fora uma amostra do potencial onírico e vive com essa amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa. (WINNICOTT. 1975, p.76).

Na primeira fase a criança não conhece o interno e externo. Freud diz que no processo de desenvolvimento o bebê brinca de comer e de cuspir, que dentro da pulsão oral, equivale a "dentro de mim" e "fora de mim".

Há existência de um espaço potencial entre o bebê e a mãe. Esse espaço varia bastante segundo as experiências de vida do bebê em relação à mãe ou figura materna [...] contratando esse espaço potencial (a) com o mundo interno (relacionado à parceria psicossomática), e (b) com a realidade concreta ou externa (que possui suas próprias dimensões e pode ser estudada objetivamente, e que, por muito que possa parecer variar, segundo o estado do indivíduo que a está observando, na verdade permanece constante). (WINNICOTT. 1975, p.75).

Na segunda fase do brincar a criança já tem a percepção do que é interno e externo do seu corpo e já consegue extrair elementos de seu corpo sem sentir como se fizesse parte de si. Nesta fase, a criança já se encontra individualizada, o que corresponde à fase anal.

Em uma terceira fase a criança começa a tentar dominar a situação na brincadeira e posteriormente a criar situações onde pode transformar experiências negativas em positivas. A criança pode migrar do real ao imaginário e vice versa sem a necessidade de colaboração do ambiente em que se encontra ou do contexto de convivência da sociedade em que está inserida.

Através dos instantes em que a mãe brinca com o bebê a criança acredita que está no controle da situação criadas por si mesma, desta maneira ela passa a acreditar e sua própria capacidade.

Dentro deste estado de confiança que a criança cria ela pode controlar a mãe, quando esta faz de conta que se esconde e que a criança a encontra, a criança faz o papel de ativa e passiva quando se faz a mãe se esconder e ela mesma a espera. Segundo Figueiredo (2007), "O bebê desfruta das experiências baseadas no casamento da onipotência dos processos intrapsíquicos com o controle infantil da realidade. Neste aspecto de interação da criança com a mãe o brincar começa neste momento de confiança.

Dentro do processo lúdico na psicanálise a criança tem essa total autonomia para ser criativa e expressar a associação livre através da brincadeira. Brincando, está anunciando seus conflitos inconscientes, já que existe uma infinidade de elementos simbólicos e indefinidos para ela.

Desta forma vê-se que é no brincar que a criança passa a demonstrar a situações vivenciadas durante sua existência, concretizando dentro da brincadeira seus desejos e sentimentos, no processo lúdico ela passa da situação passiva para a ativa.

4.5. O PROCESSO PSICANALÍTICO COM A UTILIZAÇÃO DO LÚDICO

No processo psicanalítico é de grande importância que se crie uma linguagem própria com a criança de forma a proporcionar o ambiente e a motivação necessária para uma comunicação livre.

WINNICOTT (1975, p 80) diz que: "É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)".

Em um ambiente lúdico utilizando brinquedos durante o processo de análise Klein mostra como o brincar ajuda a criança a expor sua criatividade.

Criando este ambiente com a utilização de brinquedos em suas análises, Klein demonstra a importância dos brinquedos para deixar fluir essa criatividade dando subsídios mais concretos para os resultados do processo psicanalítico infantil.

Os brinquedos utilizados durante o processo de análise devem ter forma e tamanho específico para facilitar a utilização pela criança e a compreensão das respostas obtidas pelo terapeuta. Esses brinquedos são denominados de materiais lúdicos que auxiliam o processo terapêutico, servindo de instrumento para que a criança se solte e adquira mais confiança no ambiente em que se encontra.

Denominamos materiais lúdicos os instrumentos estruturados (casinha, posto de gasolina) ou não estruturados (bloquinhos que possibilitam construir cenas ou situações, massinhas, guache). A partir deles a criança pode construir uma brincadeira simbólica, uma linguagem. Isso é um índice importante na elaboração de um diagnóstico. Sem a brincadeira lúdica não há como a criança expressar os conflitos ou como vivenciar suas dificuldades. (AFFONSO, 2012, p. 40)

A criança deve sentir confiança no ambiente de análise a fim de deixar transpor seus impulsos criativos, demonstrando no brinquedo o que a linguagem não lhe permite expressar.

Para Winnicott, impulso criativo é estímulo natural que pode se manifestar em qualquer pessoa a qualquer idade sem distinção. Ele está presente tanto nos simples acontecimentos quanto nas grandes realizações.

A infância é, na verdade, um determinado momento do desenvolvimento humano onde o ritmo das aquisições e transformações é mais frequente e acelerado, fazendo desse período palco de constantes desafios e inúmeros ajustamentos criativos, apesar de continuarmos em desenvolvimento até o final de nossas vidas. (AGUIAR, 2005, p. 74)

O terapeuta durante uma sessão de psicanálise infantil não deve interromper a criança sobre consequência de direcionar sua criatividade para demonstrar pensamentos que não fazem parte do eu (self) da criança.

O processo terapêutico utilizando o lúdico faz com que a criança passe uma infinidade de informações através da brincadeira, de forma que não seria possível através de associação livre.

A “hora do jogo”, como é chamado o processo lúdico dentro da psicanálise, tem algumas observações específicas de grande importância. Seu objetivo real é desvendar o problema que a criança vivencia ou vivenciou, a fim de encontrar uma possível solução.

Antes de iniciar o diagnóstico através do lúdico é necessário que o terapeuta faça entrevista com os pais da criança a fim de obter as informações necessárias para iniciar a abordagem com a criança.

O ambiente terapêutico deve ser espaçoso, de forma que não atrapalhe a livre movimentação da criança e não iniba sua criatividade. Os brinquedos utilizados devem ter forma e tamanhos específicos e não deve ser impostos a criança. Esta deve estar livre para utilizar o brinquedo como símbolo de sua linguagem interior.

O terapeuta deve lembrar que durante a hora do jogo não existe uma forma padrão de abordagem a criança, mas estas devem ser feitas de forma coerente para que não seja feito diagnósticos precipitados ou para que não perca informações importantes.

4.6. INDICADORES DO LÚDICO NO PROCESSO PSICANALÍTICO

há muitos anos que os psicólogos infantis procuram encontrar alguns critérios que analisem o brincar. Com a utilização do lúdico para analisar crianças a psicologia infantil tem em mãos uma ferramenta que auxilia na busca por fatos da vida da criança.

Em seus estudos, Aberastury (1982) constatou que desde a primeira sessão, sendo análise ou mesmo numa observação diagnóstica, a criança já traz, através da técnica do jogo, a fantasia inconsciente de doença e de cura. Araújo (2007), em seu estudo, baseado em Aberastury, refere que a criança estrutura, através do brinquedo, a representação de seus conflitos básicos, fantasias e defesas.

Ao longo da entrevista lúdica um mesmo brinquedo ou jogo adquire diferentes significados, baseado em todo o contexto, assim se interpreta uma brincadeira levando em consideração a situação analítica global (ABERASTURY, 1982). Arzeno (1995) considera então que tudo que acontecer durante a entrevista lúdica se tornará significativo para a interpretação.

Baranger (1956) destaca que a fantasia de análise surge como um outro critério a ser analisado durante a entrevista lúdica. Assim a criança expressa sobre aquilo que está lhe fazendo mal, aquilo que poderia melhorar e ainda sobre o que o terapeuta irá fazer a ela ou o que ela quer ou teme que ele faça.

Aberastury (1982) refere também o conteúdo das brincadeiras, o modo como brinca, os meios que utiliza, as mudanças em suas brincadeiras, fatos estes que têm algum sentido e que se devem interpretar como num sonho. Com os brinquedos, as crianças expressam o mesmo que em um sonho. Na brincadeira observa-se que a criança fala enquanto brinca, então suas palavras têm o valor de associações.

Zavaschi et al., (2005) procuram entender ou decodificar as atitudes iniciais, porque o início é repleto de ansiedades paranóides, quando observadas devem ser compreendidas no contexto de ansiedades transferenciais negativas. Ainda nos falam que ao final das primeiras entrevistas o avaliador deve ter uma noção do estado mental da criança, de seus conflitos, mecanismos de defesas e recursos saudáveis do ego que servem para lidar com as situações que vivenciará.

Simmons (1975 apud Zavaschi et al., 2005, p.724), nos lista alguns critérios que julga importante para a interpretação da entrevista com a criança, são eles: aparência, temperamento, afeto, orientação e percepção, mecanismos de defesa, integração neuromuscular, processos de pensamento e verbalizações, fantasias, desenhos, desejos e brincadeiras, superego (ideais e valores do ego, integração da personalidade), autoconceito (relações com o objeto, identificação), capacidade de insight e estimativa do coeficiente de inteligência.

Ocampo e Arzeno (2009) chamam atenção para outros indicadores de análise. Para as autoras, o tipo de vínculo que o paciente estabelece com o psicólogo, a transferência e a contratransferência, a classe de vínculo que estabelece com os outros e suas relações interpessoais devem ser avaliadas pelo profissional que entrevista os infantes. Além destes, devem ser observadas as ansiedades predominantes, as condutas defensivas utilizadas habitualmente, os aspectos patológicos e adaptativos, o diagnóstico e o prognóstico.

Efron et al. (2009) referem oito indicadores da entrevista lúdica, que auxiliam o psicólogo a analisar e interpretar a entrevista. Essa proposta não significa que não há outros critérios a serem considerados, mas serve como um guia auxiliar ao psicólogo. Eles procuram analisar:

- a escolha do brinquedo e de brincadeiras, a modalidade de brincadeiras (indica a forma em que o ego manifesta a função simbólica que estrutura o seu brincar).

- a personificação (que indica a capacidade de assumir e atribuir papéis de forma dramática);
- a motricidade (que permite analisar a adequação da criança à etapa evolutiva que atravessa);
- a criatividade (que exige um ego plástico capaz de abertura para experiências novas);
- a tolerância à frustração
- a possibilidade de aceitar as instruções com as limitações que são impostas.
- a capacidade simbólica (que se expressa no brincar, que nos dá acesso às fantasias inconscientes); e por fim
- a adequação à realidade (que nos permite avaliar o desprender da mãe no primeiro encontro com o psicólogo e atuar de acordo com sua idade cronológica).

Kornblit (2009) através da perspectiva fenomenológica identificou nove indicadores de análise da entrevista lúdica:

1. O número total de unidades de jogo;
2. O ritmo das sequências;
3. O número total de subsistemas dentro do sistema total da entrevista lúdica;
4. O grau de ansiedade;
5. A perseverança nas unidades de jogo;
6. O momento de maior dramaticidade,
7. O clímax; a possibilidade de a criança utilizar elementos figurativos e não figurativos;
8. A quantidade de material empregada pela criança;
9. Quantidade de elementos que utiliza em cada unidade de jogo.

Em um estudo atual, Krug e Seminotti (2010) identificaram alguns critérios possíveis para utilizar na interpretação da entrevista lúdica. Os sete critérios seriam as manifestações de desejos dos infantes, as formas de organização, a natureza

das interações, os sentimentos expressos, as modalidades defensivas, a natureza das angústias e as identificações operadas.

Winnicott (1975) destaca que o psicólogo interessa-se pelos próprios processos de crescimento da criança e pela remoção dos bloqueios ao desenvolvimento que podem ser evidenciados durante o crescimento da criança em questão. Ele ainda refere que durante a brincadeira, a criança se comunica criativamente na continuidade espaço e tempo e diz que o momento significativo é aquele em que a criança se surpreende a si mesma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que o lúdico é de grande importância dentro da psicanálise e que a sua utilização possibilita o terapeuta a obter dados que a criança por si só não poderia passá-los.

Percebe-se que durante a entrevista lúdica há uma variedade de formas de se analisar a criança. Dentro do tema pesquisado procurou-se encontrar indicadores que analisassem o brincar. Encontrou-se uma grande quantidade desses indicadores para ajudar o terapeuta a compreender melhor a entrevista lúdica.

Entende-se que tais indicadores podem ser compreendidos como um auxiliar para compreender melhor a criança entrevistada e prevenir erros de diagnósticos.

Vale frisar que tais indicadores não foram buscados através de pesquisa para uma melhor compreensão do tema e que outros tão relevantes podem ser encontrados. Faz necessário salientar a importância de se utilizar tais indicadores para outros trabalhos a serem feitos.

6. REFERÊNCIAS

5.1. Obras citadas:

AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. Editora Livro Pleno, 2005

AVELLAR, L. Z. **Jogando na análise de crianças: intervir-interpretar na abordagem Winnicottiana** - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, 1ª reimpr. Dos dois ed. de 2009;

ABERASTURY, A.. **Psicanálise da Criança: Teoria e técnica** - Tradução Ana Lúcia de Campos. Porto Alegre: Artmed, 1982, reimpressão da 8ª ed., 2012.

AFFONSO, R. M. L.. **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo** - Porto Alegre, Artmed, 2012.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura**. Rev. bras. psicanál, São Paulo, v. 41, n. 3, set. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 10 ago. 2013.

MELO, Alderon Marques Cantanhede; SILVA, Polliana Oliveira Coutinho. **A Psicanálise de Crianças: o Brincar como Recurso Terapêutico**. 2012. Disponível em URL: <http://artigos.psicologado.com/abordagens/psicanalise/a-psicanalise-de-criancas-o-brincar-como-recurso-terapeutico#ixzz2lDftoK3s> Psicologado - Artigos de Psicologia

METRANO, C. A.. **Do Silêncio ao Brincar: História do presente da saúde pública, da psicanálise e da infância** - São Paulo, 1ª ed., Vetor, 2004;

SOARES, Maria; ONO, Mary. **Psicanálise com crianças: histórias que configuram um campo. Psicanálise com crianças: perspectivas teórico-clínicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. Cap. I, p.17-46;

WINNICOTT, D. W. **O Brincar & a Realidade** - Coleção Psicologia Psicanalítica - Rio de Janeiro, Imago, tradução 1ª ed., 1975;

WINNICOTT, D. W. **Objetos transicionais e fenômenos transicionais. Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago. 1ª Ed. 1953;

5.2. Obras consultadas

ABERASTURY, Arminda. **A criança e seus jogos**. Marialzira Perestrello, (trad.). Porto Alegre: Artmed, 1992.

AVELLAR, Luziane Zacché. **Jogando na análise de crianças: intervir-interpretar na abordagem winnicottiana**. Tese de Doutorado. PUC-SP, 2001

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. **Aspectos psíquicos do desenvolvimento infantil**. Ágalma, 2008.

DIATKINE, René. **As linguagens da criança e a psicanálise**. São Paulo, v. 30, n. 45, 2007 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062007000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 ago. 2013.

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. **O brincar e a experiência analítica**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2003. <[Http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 21 Agosto 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982003000100003>.

GRANA, Roberto Barberena. **O diálogo transicional na psicanálise de crianças: indicação lúdica e testemunho presencial**. Rev. bras. psicanál, São Paulo, v. 44, n. 2, 2010 Disponível em URL: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 19 ago. 2013.

PRISZKULNIK, Léia. **A criança e a psicanálise: o "lugar" dos pais no atendimento infantil**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 6, n. 2, 1995. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 ago. 2013.